

RETORNO AO SERTÃO: IDENTIDADE E MODERNIDADE NA FICÇÃO DE RONALDO CORREIA DE BRITO E JOÃO ALMINO

RETURN TO THE BACKLANDS: IDENTITY AND
MODERNITY IN THE FICTION OF RONALDO CORREIA
DE BRITO AND JOÃO ALMINO

Felipe Dantas da Silva (UFPR)
0000-0003-0379-796X



Como citar: SILVA, F. D. da. Retorno ao sertão: identidade e modernidade na ficção de Ronaldo Correia de Brito e João Almino. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 3, p. 185-203, set.-dez. 2024.

doi: 10.47295/mren.v13i3.1595
recebido em 21/03/2024 – aprovado em 09/06/2025



Resumo

O presente trabalho objetiva analisar comparativamente as obras *Galiléia* (2008), de Ronaldo Correia de Brito, e *Entre facas, algodão* (2017), de João Almino, investigando a presença da tradição literária regionalista em ambas as narrativas. No exame, destaca-se especialmente o papel dos narradores, os quais são sujeitos migrantes que, ao retornarem ao sertão, confrontaram-se com as transformações ocorridas naquele espaço e nas práticas que antes faziam parte de suas histórias. Assim, as obras de João Almino e Ronaldo Correia de Brito oferecem uma análise profunda sobre a identidade, a memória e as mudanças que influenciam as relações pessoais dos personagens com o local de origem. Cada autor aborda, de maneira distinta, as complexidades do retorno dos migrantes a esse espaço, proporcionando uma reflexão profunda sobre as mudanças sociais e culturais que permeiam o sertão. Nesse contexto, observa-se a presença marcante da tradição regionalista nos textos de Brito e Almino, o que evidencia a continuidade dessa expressão na literatura contemporânea.

Palavras-chave: Identidade. Modernidade. Galiléia. Entre facas, algodão.

Abstract

The present work aims to comparatively analyze the works *Galiléia* (2008), by Ronaldo Correia de Brito, and *Between knives, cotton* (2017), by João Almino, investigating the presence of the regionalist literary tradition in both narratives. In the examination, the role of the narrators stands out especially, who are migrant subjects who, upon returning to the backlands, were confronted with the transformations that occurred in that space and in the practices that were previously part of their stories. Thus, the works of João Almino and Ronaldo Correia de Brito offer a deep analysis of identity, memory and the changes that influence the characters' personal relationships with their place of origin. Each author addresses, in a different way, the complexities of migrants' return to this space, providing a deep reflection on the social and cultural changes that permeate the backlands. In this context, the strong presence of the regionalist tradition can be observed in the texts of Brito and Almino, which highlights the continuity of this expression in contemporary literature.

Keywords: Identity. Modernity. Galiléia. Between knives, cotton.

INTRODUÇÃO

Os movimentos literários frequentemente são influenciados pelos caminhos trilhados pela crítica literária, que orienta suas leituras e perspectivas. A esse respeito, Thomas Eliot na obra *Tradição e o talento individual* (1989), explica que cada nação “tem não apenas sua tendência criadora, mas também a sua tendência crítica de pensar” (Eliot, 1989, p. 37), o que revela, na maioria dos casos, os saberes interpretados e os juízos de valores a eles atribuídos. Em outras palavras, cada nação “está também mais alheia às falhas e limitações de seus hábitos críticos do que às de seu gênio criador” (Eliot, 1989, p. 37), o que implica dizer que cada sistema literário teria mais dificuldade de perceber as falhas e as limitações de sua crítica, do que de sua própria literatura, sobretudo porque a crítica é (ou pelo menos deveria ser) formada por uma geração de pesquisadores e estudiosos – em posições legítimas de poder – que instauram e oportunizam o agenciamento de novos saberes para o imaginário intelectual de uma dada sociedade.

Confrontar uma crítica literária já estabelecida não se configura como uma tarefa simples, principalmente quando tal estudo contribui para a formação do pensamento analítico de muitas gerações. No entanto, embora algumas leituras críticas tenham sido pertinentes às características de um dado período histórico, nada impede que elas sejam revisitadas, comparadas e, até mesmo, contrapostas. A esse respeito, é importante reconhecer que uma crítica literária é interpretada sob um ponto de vista específico, logo, não podemos considerá-la um veredito final, já que ela pode estar sujeita a outros olhares e estudos. Além disso, uma análise crítica pode se tornar ultrapassada, inclusive, para pensar a contemporaneidade, fator que colabora para o surgimento de novos estudos.

Restringindo-nos ao cenário da literatura brasileira, a dialética entre localismo e cosmopolitismo, binômio que teve discussões afloradas em diferentes momentos da literatura nacional, tem fornecido matéria para revisões críticas que objetivam visitar e rediscutir as lacunas da nossa crítica literária e, a partir de então, apresentar novas discussões para pensar a atualidade, principalmente ao se tratar da tradição literária regionalista, que desde o século XX padece de leituras depreciativas.

José Maurício Gomes de Almeida (1999), que estudou o regionalismo no interregno de 1875 a 1945, explica que a tradição regionalista no romance brasileiro se forma no decorrer de

uma longa trajetória, “que tem início com as preocupações nacionalistas dos românticos e que, a rigor, prossegue até hoje, enriquecendo-se cada dia de novos autores e obras” (Almeida, 1999, p. 19). No entanto, conforme Santini, a inserção das narrativas

no paradigma regionalista de representação determina, de antemão, a revisão do próprio modelo regionalista, há muito considerado pela crítica como anacrônico ou dependente de uma atrofia econômico-cultural típica de periferias subdesenvolvidas que procuram a sobrevivência na reiteração do passado entendido como tradição (Santini, 2009, p. 253).

Essa última concepção vai de encontro ao Romantismo, no século XIX, período em que os escritores buscavam representar a nação brasileira no intuito de romper com os modelos europeus e alcançar sua independência literária. No cenário romântico, o regionalismo, que à época não dispunha desse nome, surgiu como uma espécie de reação ao contato e influência estrangeira, fazendo com que as regiões afastadas dos grandes eixos urbanos passem a se configurar como símbolos da nacionalidade.

Essa tentativa de afirmar a originalidade literária por meio da representação de símbolos e elementos nacionais colaborou para que o regionalismo fosse vinculado a adjetivos que ainda hoje lhes são caros, uma vez que, especialmente no século XX, críticos e escritores passaram a tratar a manifestação como sinônimo de cor local, bem como outras associações de caráter negativo. Uma das vozes críticas que passaram a rechaçar o rótulo foi Lúcia Miguel Pereira, a qual argumenta que o regionalismo se limita às

obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciam dos que imprime a civilização niveladora. Assim entendido, no início do período aqui estudado, o regionalismo se limita e se vincula ao ruralismo e ao provincialismo, tendo por principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chamar de “cor local”. Essa definição lhe indica por si só as vantagens e as fraquezas (Miguel-Pereira, 1988, p. 157).

Para Miguel-Pereira, as obras de estética regionalista se restringem a representar a vida distante dos grandes centros urbanos. Elas são consideradas produções que não se alinham com a visão da “civilização niveladora”, que geralmente é imposta pelos centros hegemônicos de poder. Essa visão tende a desqualificar qualquer expressão artística que não esteja em

conformidade com os padrões estabelecidos pelos centros urbanos dominantes. No fragmento anterior, a crítica revela um certo preconceito ao considerar os elementos e símbolos regionais como inferiores. Essa postura contribuiu para a classificação das obras da literatura regionalista como esteticamente ruins. Consideramos relevante enfatizar que muitos outros críticos literários compartilharam desse mesmo discurso.

Apesar disso, nas últimas décadas, estudos contundentes têm contribuído para apresentar a vertente sob uma nova perspectiva, procurando desvincular o regionalismo dos adjetivos depreciativos que lhe foi atribuído ao longo da história literária brasileira. Nesse cenário, Lígia Chiappini figura como uma das principais estudiosas da manifestação em evidência, sobretudo por apresentar visões que destoam dos argumentos pejorativos estabelecidos pela crítica literária. Em seus estudos, a pesquisadora procura

[...] definir o regionalismo literário não apenas como um conceito temático (vinculado às regiões não hegemônicas de um país, e, sobretudo, às áreas rurais), mas a um modo de formar, híbrido, como utilizador de formas da literatura urbana e dirigido a um público da cidade. E, ao mesmo tempo, tematizando e querendo exprimir, não apenas os aspectos exteriores do homem rural, mas sua forma de pensar, de sentir, de falar e de narrar. O regionalismo como modo de formar, diferente da literatura canônica, mas diferente também da literatura trivial, um modo de formar que, basicamente, tenta trazer para a ficção os temas, tipos e linguagens tradicionalmente alijados das Letras e restritos à determinada região, mas sem renunciar de antemão a uma aceitação suprarregional (Chiappini, 2013, p. 25).

Chiappini lança um outro olhar para a literatura regionalista, destacando a qualidade de suas produções artísticas, afinal, os textos literários de ambiência rural, assim como aqueles ambientados nos grandes centros hegemônicos, podem se manifestar igualmente como detentores de uma estimável qualidade estética. Desse modo, por mais que se tenha decretado o fim¹ do Regionalismo, havendo quem ainda o faça até nos dias atuais, há também quem afirme que ele se renova e persiste (Chiappini, 2013, p. 16).

Exemplos emblemáticos de produção que cria uma problemática em torno da palavra regionalismo e/ou melhor, que mostra latente a permanência e atualização dessa vertente na

¹ Antonio Candido, em "Literatura e Subdesenvolvimento", associa a existência do regionalismo a critérios econômicos. Uma vez que a barreira do subdesenvolvimento fosse superada, a manifestação perderia sua vitalidade. Segundo o crítico: "O regionalismo foi uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local. Algumas vezes foi oportunidade de boa expressão literária, embora na maioria os seus produtos tenham envelhecido. Mas de um certo ângulo talvez não se possa dizer que acabou; muitos dos que hoje [1970] o atacam no fundo o praticam. *A realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo*, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante. Basta lembrar que alguns dentre os melhores encontram nela substância para livros universalmente significativos" (Candido, 2011, p. 192, grifo nosso).

contemporaneidade são as obras *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito, e *Entre facas, algodão*, de João Almino. Esses romances se somam a tantos outros² que, por meio da expressão literária, buscaram representar as transformações surgidas com o advento da modernidade, em espaços considerados tradicionais. Para além desse traço comum, essas ficções apresentam o avanço dessa modernidade sob a perspectiva de personagens que migraram e, ao retornarem, sentem-se não mais pertencentes ao seu local de origem, resultando em uma crise identitária que os torna fragmentados.

É esse o caso das obras que compõem este estudo, que objetiva analisar de maneira comparativa os romances anteriormente citados, examinando como a tradição literária regionalista se manifesta nas narrativas por meio do confronto entre os narradores que, sendo sujeitos migrantes, encenam um retorno ao sertão. Durante o retorno, esses personagens confrontam-se com as transformações ocorridas em seus espaços de origem e nas práticas que antes faziam parte de suas histórias passadas. Assim, a comparação desses romances se justifica pela presença de *topoi* que estão imersos em uma tradição literária regionalista, e que vêm apresentando transfigurações nas últimas décadas, respondendo às mudanças impostas, sobretudo, pela modernidade. Assim, a “migração, que denuncia a crise identitária, e as relações de pertencimento são temas recorrentes em obras a partir da segunda metade do século XX e evidenciam as transfigurações temáticas que o regionalismo vem apresentando nas últimas décadas” (AUTOR; Pelinser, 2022, p. 237).

O RETORNO: UM SERTÃO ESTRANGEIRO

Publicado em 2017, o sétimo romance de João Almino, intitulado *Entre facas, algodão*, narra a trajetória de um homem que se viu compelido a deixar o sertão nordestino, mais precisamente do Ceará/CE, para estabelecer-se em Brasília/DF. No entanto, esse indivíduo, que permanece sem nome ao longo da narrativa, empreende uma tentativa de retorno à sua terra natal, o qual, no desfecho, resultou em fracasso.

A narrativa tem início com a crise no casamento do protagonista que, até então, era unido a Patrícia, com quem teve três filhos. Após a efetivação da separação do casal, o advogado de 70 anos almejou regressar ao interior do Ceará, seu lugar de nascimento, visando iniciar uma nova fase em sua vida e resolver questões do passado. Entre essas pendências, destacam-se a busca

² Entre as quais pode-se citar: *Essa Terra* (1976), de Antônio Torres, e *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum.

por vingança pela morte do suposto pai; a reconquista de Clarice, amor de sua juventude; e a tentativa de um recomeço na comunidade em que cresceu.

Ao adentrar Várzea Pacífica, município fictício que abriga a localidade de Riacho Negro, o advogado revive as práticas do sertão por meio de suas memórias fragmentadas. De maneira saudosa e nostálgica, ele resgata o passado, explorando as nuances e contradições da vida naquela região, como podemos atestar no trecho:

No inverno a chuva cobria o campo verde, o chão ficava marcado com o barro das botas, as conversas e risos se prolongavam no alpendre da casa-grande de meus padrinhos, os aboios se animavam no campo, as muriçocas me picavam na nossa casa de tijolo aparente e vermelho, eu me enrolava na rede e envolvia o rosto com o lençol, deixando só o nariz de fora e ouvindo os pingos bater nas telhas.

Já na seca, o sol impiedoso castigava a fazenda do Riacho Negro e me cegava a vista. A poeira açoitava os campos cinzentos, de árvores despojadas, o açude minguado, as cacimbas sem água, as pessoas zonzas cozinhando irritação no calor, e o curral vazio, o gado tangido para o Piauí (Almino, 2017, p. 24).

Além dos motivos que justificam seu retorno, o advogado deseja também reconstruir as memórias de um tempo que lhe traz boas recordações. No sertão, ele busca reviver práticas de outrora que eram impraticáveis na cidade, como por exemplo a atividade de plantio: “Além da aposentadoria, vou viver de plantar milho, feijão e até algodão – ideia absurda, sei, não precisam me dizer. Mas tem uma razão afetiva: recorda minha infância” (Almino, 2017, p. 52).

Contudo, o advogado enfrenta desafios significativos ao tentar reconstruir as lembranças de sua terra natal, uma vez que as realidades passadas foram profundamente transformadas com o avanço da modernidade. Nesse contexto, a memória é “uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: ‘a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele” (Candau, 2012, p. 9). De acordo com Candau (2012, p. 16), a memória desempenha um papel crucial na formação da identidade, sendo responsável por fortalecê-la. Assim, a restauração da memória perdida de um indivíduo é também a restituição de sua identidade. Essa perspectiva sugere que a memória é um processo dinâmico e subjetivo, moldado pelas experiências individuais e influenciado pelas transformações do tempo.

No contexto em que está imerso o advogado, as lembranças não apenas reforçam sua ligação com a terra de origem, mas também desempenham um papel crucial na manifestação da crise identitária que permeia sua trajetória. Assim, a expectativa de resgate do passado e de suas práticas no Riacho Negro é posteriormente frustrada pelas transformações nos códigos do sertão, que impossibilitam que esse espaço permaneça inalterado.

Em entrevista concedida ao *G1* logo após o lançamento do romance, João Almino pondera que a viagem realizada pelo protagonista do enredo não é apenas para confirmar o que restou do passado ou contrastar o antigo com o novo, mas também para simbolizar um tempo irrepetível, em que a natureza das coisas não se replica:

No novo romance, a memória é falha, e a recuperação do passado nunca se completa. A viagem serve não apenas para confirmar o que restou do passado nem só para contrastar o novo com o velho, mas também para representar um tempo que nunca volta, como se a própria natureza não se repetisse e a viagem fosse sempre de ida, mesmo com percalços, com altos e baixos (Trigo, 2017, grifo nosso).

Em *Galiléia*, obra de Ronaldo Correia de Brito, observamos uma dinâmica semelhante. Na narrativa, três primos – Adonias, Ismael e Davi – decidem retornar ao sertão para celebrar o aniversário do avô Raimundo Caetano, o patriarca de uma família numerosa. No entanto, ao chegarem à fazenda, deparam-se com o sujeito em seu leito de morte.

Esses primos pertencem a uma geração que, em um determinado momento, abandonou o sertão, optando por não mais retornar (Brito, 2008). A jornada até a fazenda Galiléia, portanto, assemelha-se ao enredo do romance de João Almino, representando uma oportunidade para relembrar a infância e as experiências vividas no local de origem. Entretanto, é precisamente no percurso até a fazenda, e posteriormente, diante de seus familiares, que os primos externam sua repulsa ao lugar que marcara sua infância. Essa aversão, é perceptível em vários momentos da narrativa: “- E nós não merecemos a angústia de rever a Galiléia” (Brito, 2008, p. 43).

Durante o trajeto até a fazenda³, as paisagens possibilitam uma atmosfera propícia para a rememoração do passado no sertão, fato que se pode observar no trecho em que Adonias lembra com entusiasmo e tristeza momentos que viveu naquele espaço⁴:

- Meu pai exigia que eu memorizasse as plantas da caatinga, por mais insignificantes que me parecessem. Eu recitava os nomes, mas era incapaz de reconhecer as árvores. [...]

Recitei os nomes com orgulho da memória, e depois recaí na tristeza. O meu conhecimento me parecia inútil. Nunca o usei em nada. Atravesso os sertões vislumbrando sombras negras, os restos vegetais dessa memória. [...] Consternado, lembrei da família. Ela ainda se agarra à terra que já foi rica e assegurou poder, e hoje sobrevive como um criatório de gente, que, mal nasce, vai embora.

Ismael exultou com a minha lembrança. Gritando, bateu as mãos no volante (Brito, 2008, p. 12, grifo nosso).

Portanto, a evocação de um passado que se desvela simultaneamente nostálgico e repulsivo ressalta, em ambas as obras, a intrincada relação desses indivíduos com o seu lugar no mundo. O sentimento de retornar ao sertão proporciona a oportunidade de resgatar as experiências positivas que contribuíram para a formação da identidade desses sujeitos. No entanto, esse movimento também evoca sentimentos de melancolia, pois resgata lembranças que lhes causa tristeza e os deixa desconfortáveis. O retorno do advogado ao espaço no qual cresceu, por exemplo, é permeado por incertezas. A única convicção que ele possui ao retornar é a de vingar a morte do pai. Contudo, esse ajuste de contas com o passado e a defesa da honra paterna fazem com que o Riacho Negro não seja mais percebido como antes, tampouco ofereça os significados que motivaram seu retorno. No trecho a seguir, o narrador expõe suas contradições ao rememorar o passado:

³ Segundo Santini (2014), *Galiléia* está dividida em dois signos. O primeiro diz respeito ao trajeto até a fazenda, o outro, a casa da família. Segundo a crítica, "o espaço percorrido ao longo da viagem à Galileia e os contornos da propriedade tomam forma a partir da vivência do personagem, que irá atribuir sentido ao trânsito e à estagnação de acordo com suas expectativas, frustrações e desejos. Importa observar nessa figura não apenas um filtro ideológico que se impõe à narração, mas também a própria construção dos fatos pela experiência, aqui demarcada pela imagem da estrada e pela direção do trânsito, que aponta para o sertão e o tempo que ele guarda. Essa relação entre personagem e espaço, observada por Regina Dalcastagnè na constituição de parte do romance brasileiro contemporâneo, aparece em *Galiléia* como marca de um duplo movimento: o retorno ao sertão e à casa da infância, por um lado, o enfrentamento de recalques e a procura por uma identidade também em trânsito, por outro" (Santini, 2014, 123-124).

⁴ Adonias, narrador de *Galiléia*, demonstra possuir convicção dos relatos narrados, ao contrário do sujeito que retorna ao Riacho Negro. As lembranças do advogado, como destacado, são fragmentadas. O indivíduo, também narrador, mostra-se hesitante quanto ao que relata, razão pela qual se desculpa constantemente pela incerteza dos fatos narrados: "Pode ser até que não me lembre propriamente. Que a realidade daquele passado esteja só na minha imaginação. Devo estar misturando várias secas e várias enchentes. Então, sim, por essa confusão devo me desculpar com quem vier a ler estas anotações, feitas assim rapidamente sem preocupação com estilo ou vocabulário" (Almino, 2017, p. 23).

Olho meu passado não com orgulho, mas com resignificação [...] Recupero pedaços de mim para criar esta história contraditória e verdadeira, que me atormenta. Por isso tenho que pôr pra fora. Como contraditórios e verdadeiros, além do sertão, eram mamãe, que me punia e me protegia, e meu padrinho, pai de Clarice, severo e carinhoso (Almino, 2017, p. 23-24).

Observa-se, nesse contexto, uma profunda exploração do processo de reconstrução identitária por parte do protagonista. Entretanto, alguns acontecimentos frustram esse sujeito e o deixa ainda mais fragmentado. Assim, no retorno à sua terra natal, o advogado depara-se com revelações impactantes que reconfiguram completamente o cenário e destroem as expectativas que o motivaram a regressar.

Essas revelações lançam dúvidas sobre sua verdadeira filiação, especialmente em relação ao padrinho, que desempenhou um papel fundamental ao fornecer apoio para a sobrevivência de sua família no sertão. Surge a possibilidade de que esse padrinho, pai de Clarice e Miguel, seja, de fato, seu verdadeiro progenitor e possivelmente o mandante da morte do homem que, até então, era considerado seu pai biológico. Esses eventos permanecem até o fim da narrativa no âmbito da especulação, porém acabam por exercer influência significativa na vida e permanência do protagonista no Riacho Negro, agora transformado em um local de repulsa para ele.

Diante dessas suspeitas, o advogado enfatiza que só retornará ao Riacho Negro se for para concluir a investigação sobre sua verdadeira filiação: “Não quero mais nada com o Riacho Negro nem com Várzea Pacífica, a não ser que seja para retomar minha ação de investigação de paternidade. Para isso tenho ainda de recompor forças” (Almino, 2017, p. 183). Nessa passagem, percebe-se a urgência e a determinação do protagonista em desvendar as complexidades de sua origem, apesar das adversidades enfrentadas e da transformação negativa que sua relação com o Riacho Negro sofreu.

Diante de todas as revelações, contradições e transformações no cenário árido do sertão⁵, o protagonista, um sujeito confuso, deixa transparecer a sensação de não pertencer a lugar nenhum. Brasília, portanto, surge como seu derradeiro refúgio após a morte de Patrícia. Nesse sentido, o constante movimento e trânsito protagonizados por esse narrador, marcado por idas e vindas, comprovam sua posição enquanto sujeito no mundo: desnortado, no auge da idade,

⁵ No trecho a seguir, o advogado reflete sobre sua relação com o sertão: “Sei que foi o acaso que me retirou do sertão, naquele tempo antigo e agora de novo, e que o passado não pede permissão para voltar na lembrança. Ele, o passado, continuará lá, como numa prisão, às vezes se liberando para me atormentar nas noites em claro” (Almino, 2017, p. 188).

com uma carreira fracassada, e filhos que não lhe dedicam atenção. O que resta, nesse contexto, é o retorno a Brasília mais uma vez.

No entanto, o regresso a Brasília não implica necessariamente que esse sujeito tenha encontrado seu lugar no mundo. Desenraizado, distante e nutrindo aversão ao espaço de origem⁶, a capital federal ainda lhe é estranha e continua se configurando como uma terra estrangeira: “Brasília é um horror, a Taguatinga pior. Que me importa, se é aqui que fiz minha vida? Falem o que quiserem, gosto desta terra estranha e minha, nesta época seca e colorida por ipês” (Almino, 2017, p. 177). Portanto, para um indivíduo em conflito com seu espaço no mundo e com uma reconciliação malograda com o passado, qualquer lugar parece ser preferível às feridas abertas de seu ambiente embrionário.

Diferentemente do advogado, que buscou reiniciar a vida no sertão de maneira espontânea, Adonias, antes mesmo de chegar à fazenda, já expressava repulsa ao seu lugar de origem. Seu retorno, desse modo, parece ser forçado e justifica-se exclusivamente pelo aniversário do avô. Nesse contexto, a relação desses indivíduos com o espaço embrionário é permeada por contradições, pois ao mesmo tempo em que nutrem admiração e recordam o sertão de forma nostálgica e, por vezes, saudosa, eles reconhecem que o retorno a esse espaço se tornou insustentável: “Sinto fascínio e repulsa por esse mundo sertanejo” (Brito, 2008, p. 16). Após migrarem, suas identidades passaram por transformações significativas, uma vez que surge “o sentimento de que pertencemos a todos os recantos e a nenhum” (Brito, 2008, p. 23). A esse respeito, De Oliveira pontua:

[...] para além de transformações sociais quantitativas, todo movimento migratório traz consigo um deslocamento de contextos estruturais subjacentes aos sujeitos em trânsito. Trata-se de tradições, costumes, linguagens, sentidos e histórias características do lugar de origem. Transladados para um novo ambiente, estes elementos, em contato com seus equivalentes locais, fazem emergir uma estrutura social multifacetada, resultante da recombinação de territorialidades e identidades (De Oliveira, 2019, p. 413).

Em determinado trecho, Ismael questiona Adonias sobre a possibilidade de residir no sertão. Ele é enfático em sua resposta:

- Você nunca pensou em morar no sertão? - pergunta depois de longo silêncio. Eu até esquecera que viajávamos juntos.

- Pensei, por bem pouco tempo.

- E por que desistiu?

⁶ Em determinado trecho, o narrador expõe o sentimento pelo Riacho Negro: “Quando penso na viagem em breve ao Riacho Negro, o passado assume tonalidades acinzentadas, vago e fora de foco” (Almino, 2017, p. 35).

- Porque meu propósito não era honesto. Adoeço todas as vezes que venho aqui (Brito, 2008, p. 71-72).

A permanência de Adonias em seu espaço de origem o sufoca, a ponto de deixá-lo enfermo. No entanto, apesar do sentimento de repulsa, o sertão continua a ser um lugar “que amamos sem compreender” (Brito, 2008, p. 216). Em ambos os casos, observamos indivíduos que precisaram migrar de um espaço impregnado de significados e memórias afetivas que, até certo ponto, constituem suas identidades. Não obstante, o ato de atravessar, migrar, transforma a identidade desses sujeitos que, embora ainda sintam admiração pelo sertão, já não se veem mais pertencentes a ele: “O sertão a gente traz nos olhos, no sangue, nos cromossomos. É uma doença sem cura” (Brito, 2008, p. 19).

Esses personagens parecem vivenciar o que Stuart Hall chama de identidades “contraditórias ou não resolvidas”. Segundo o crítico,

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...] A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2011, p. 12-13).

Portanto, deixar a terra natal nesse contexto, implica em um retorno conturbado, repleto de lembranças de um passado que não possui sentido relevante para esses indivíduos, frente as transformações que esses locais sofreram. Dessa forma, os únicos lugares que proporcionam a eles um senso de “conforto” são aqueles que se distanciam de seu ambiente de origem.

SERTÃO: MODERNIDADE E DECADÊNCIA

Parte das transformações observadas pelos indivíduos que regressam ao sertão diz respeito à modernidade que penetra os espaços tradicionais. O advogado, ao retornar ao local onde passou parte de sua vida, o Riacho Negro, testemunha a metamorfose do sertão sob as tradições vivenciadas em sua infância. Contudo, ao deixar Brasília com o intuito de estabelecer-se novamente em Riacho Negro, o próprio protagonista do romance de João Almino também

contribui para que a modernidade permeie esse ambiente, uma vez que ele planeja introduzir um conjunto de avanços tecnológicos visando aprimorar sua qualidade de vida na região.

Levo para a fazenda uma técnica de plantio direto do algodão com a introdução de culturas rotativas. Já consultei uma lista de empresas de energia solar fotovoltaica da região de Fortaleza, pois vou, sim, instalar placas de energia solar, pelo menos para as necessidades da casa principal, que não será a casa-grande, mas a minha própria, moderna e confortável. E vou aprimorar o sistema precário de irrigação, que existe há alguns anos. De novidade, há dois poços artesianos na propriedade, e a casa já tem cisterna, Arnaldo me disse (Almino, 2017, p. 33).

Agora, o sertão dispõe de energia solar e de um completo sistema de irrigação que facilita a sobrevivência diante das adversidades causadas pela seca, bem como o acesso a serviços básicos que outrora eram escassos nas regiões mais remotas do Brasil. No entanto, a introdução dessas tecnologias pelo próprio sujeito talvez tenha colaborado para a percepção de que o ambiente que ele conhecia antes já não seja o mesmo. Como mencionado, enquanto seguia em direção ao Riacho Negro, o advogado relembra saudosamente a infância no sertão, uma época em que essas inovações ainda não haviam sido implementadas. Agora, ao estar novamente nesse espaço, nota que as transformações, de certa forma, apagaram a atmosfera única vivida nos tempos pretéritos.

O sertão percorrido por Adonias e seus primos também sofreu transformações significativas mediante o avanço da modernidade. Ao longo do trajeto até a fazenda, o personagem logo percebeu essas mudanças ao constatar que os meios de transporte antes movidos por tração animal foram substituídos por veículos motorizados. No trecho, essa percepção torna-se evidente: “Mulher em motocicleta carrega uma velha na garupa e tange três vacas magras. Dois mitos se desfazem diante dos meus olhos, num só instante: o vaqueiro macho, encourado, e o cavalo das histórias de heróis, quando puxavam bois pelo rabo” (Brito, 2008, p. 8). Dessa forma, é na travessia do sertão que Adonias se depara com as transformações ocorridas ao longo das últimas décadas naquele lugar, mudanças suficientes para reconfigurar os contornos do reconhecimento e da identificação do espaço.

Desse modo, ao incorporar elementos de modernização que, em última instância, delineiam traços da urbanidade e dos grandes centros, o sertão agora sintoniza televisões e não mais abriga seus tradicionais vaqueiros (Santini, 2014, p. 124). Esse fenômeno aponta para uma alteração profunda na vida e na cultura do sertão, refletindo a influência da modernidade e das tecnologias emergentes, que deixam marcas visíveis até mesmo nos meios de locomoção e nas

atividades tradicionais. Essa nova realidade desafia as antigas concepções sobre a identidade do sertão, introduzindo aspectos antes inexistentes e transformando a maneira como seus habitantes se reconhecem e são reconhecidos⁷.

Agora, os antigos jagunços, cangaceiros que “apareciam e perpetravam agressões contra as mulheres da casa, roubavam, matavam e dançavam até o dia amanhecer” (Brito, 2008, p. 35), encontram-se armados com rifles e usufruem de caminhonetes importadas, semelhantes ao meio de transporte utilizado pelos primos para atravessar o sertão. Entretanto, essa modernização ainda é precária, visto pela persistência de antigos problemas sociais nesses ambientes, os quais ameaçam também o declínio de seus símbolos tradicionais. Em determinado trecho, Adonias imagina:

[...] a casa dos meus avós derrubada por tratores, dando lugar a uma rodovia. O barulho forte das máquinas e as luzes dos faróis me deixam a impressão de que estou noutro planeta. Mas não estou. O sertão continua na minha frente, nos lados, atrás de mim. O asfalto fede. Já chorei por causa dessa ferida preta, cortando as terras. Agora, me distraio com os carros que passam (Brito, 2008, p. 8).

O possível declínio da casa-grande evidencia não apenas a queda da estrutura física, mas também a derrocada de símbolos e códigos tradicionalmente associados ao sertão, código este que se destaca como uma arquitetura imponente das fazendas. No contexto de *Galiléia*, observa-se não apenas a deterioração do edifício, mas também a decadência do patriarca. Este último, uma figura respeitada e imponente, caracteriza-se por exercer influência sobre os membros da família e, dependendo do contexto, de toda a localidade circundante. Segundo Santini (2014, p. 126), a decadência “da propriedade corresponde à falência moral dos indivíduos que a ocupam, de modo que a busca do narrador pelos segredos e interditos encontrará, na casa da Galiléia, espaço cheio de lugares obscuros” (Santini, 2014, p. 126).

A percepção do advogado no romance de João Almino reflete, de maneira semelhante, a transformação da fazenda do tio no Riacho Negro, que já não existe como ele a conhecia: “A de titio foi toda parcelada. Nela sequer resistiu a casa-grande” (Almino, 2017, p. 115). A decadência da casa-grande e dos patriarcas, símbolos do sertão de outrora, se entrelaça com a

⁷ De Medeiros e Pelinser (2020), em artigo intitulado “O lugar do sujeito contemporâneo no sertão: o tradicional e o moderno em *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito”, analisam a obra publicada em 2008 pelas vias da modernidade que contrasta com o tradicional do sertão. Em determinado trecho os autores afirmam: “Os personagens vivenciam uma nova realidade, um sertão invadido pela modernidade; são sujeitos confrontados com o processo de modernização que invadiu aquele local e modificou suas paisagens” (De Medeiros; Pelinser, 2020, p. 8).

queda econômica do mercado algodoeiro no sertão. O algodão foi por muito tempo uma das principais matrizes econômicas dos agricultores do Nordeste, atingindo seu ápice nos anos 1970. No entanto, ainda nessa década, a cotonicultura nordestina passou a demonstrar sinais de exaustão, e “o algodão do nordeste passou a perder espaço nos mercados” (Mattos *et al.*, 2020, p. 561).

No romance de João Almino, o título – “Entre facas, algodão” – sugere o ressurgimento da produção algodoeira, que na obra se concretiza por meio do investimento em tecnologia idealizado pelo advogado para realizar o desejo do plantio, o qual, no fim, também declina. Os negócios, antes eram liderados pelo padrinho, e suposto pai biológico do protagonista, “que fez prosperar os negócios que hoje, nas mãos de Miguel, seu filho e meu amigo de infância, estão em decadência devido a problemas nos mercados do algodão e da oiticica e à concorrência de São Paulo a Mato Grosso” (Almino, 2017, p. 79).

A representação desse declínio na agricultura ganha contornos mais nítidos em *Galiléia*, evidenciando-se pela improdutividade dos latifúndios. Raimundo Caetano destaca as mudanças no cenário da produção rural, ressaltando que a terra perdeu sua “sustância”, alertando para a prática de retirar sem repor, o que inevitavelmente resulta em esgotamento: “- Os tempos são outros – diz Raimundo Caetano. – A terra perdeu a sustância. De onde se tira e nunca se bota, acaba” (Brito, 2008, p. 53).

Dessa maneira, a fragmentação e a sensação de pertencimento dos sujeitos migrantes em ambas as obras são moldadas pelo trânsito vivenciado por eles, intensificando-se quando esses indivíduos observam as transformações pelas quais passaram seus espaços de origem. Essas mudanças evidenciam a decrepitude e decadência de costumes e símbolos do sertão, transformando esse espaço em um local que, simultaneamente, evoca afeto e repulsa nos personagens narradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O regionalismo literário brasileiro já foi alcinha de muitos discursos negativos, os quais consideravam o rótulo como “conservador, acanhado, fechado, quando não xenófobo. E às obras de literatura regionalista era atribuído um valor estético baixo ou nulo” (Chiappini, 2013, p. 16). No entanto, a manifestação que já teve seu fim decretado, passou a ser concebida como “histórico, mutante e insistente” (Chiappini, 2013, p. 17). Um dos motivos que explicam a pujança

do rótulo é o processo de modernização do país, que afetou especialmente os locais tradicionais e distantes dos grandes centros hegemônicos. No que diz respeito à relação do regionalismo com a modernidade, Chiappini afirma:

[...] o regionalismo, gerado pela modernização e pela racionalização crescente da agricultura, a partir da metade do século XIX, é um fenômeno da modernidade. E, na literatura, frequentemente, a tensão entre o tradicional e o moderno, constituinte de obras que, tematizando a província, produzidas aí e circulando inicialmente aí, podem transcendê-la, alcançando tanto uma audiência urbana mais ampla nacional e internacionalmente (2013, p. 24-25).

Dessa maneira, o regionalismo parece responder a essas transformações, que busca defrontar o tradicional e o moderno a partir dos significados que o espaço deixa entrever nos sujeitos que se constituem e são constituídos por ele. Essas temáticas dialogam com as representações do regionalismo literário brasileiro das últimas décadas. Segundo Santini (2014), ao evitar a dicotomia entre cidade e campo de maneira excludente, observa-se que, desde o final da década de 1980, o espaço do sertão e de regiões afastadas do eixo Rio-São Paulo ressurgem na ficção com vigor (Santini, 2014, p. 121). Assim, a vitalidade do regionalismo apresenta-se por meio da recorrência de temas e imagens que refletem as mudanças em espaços distantes dos grandes centros hegemônicos de poder, afirmando suas transfigurações mediante o avanço da modernidade.

Nos romances que compõem este trabalho, os protagonistas percorrem uma jornada que os leva de volta ao sertão nordestino. Esse movimento, além de representar uma busca pelas raízes, transforma-se também em um ajuste de contas dos personagens consigo mesmos e com o lugar de origem. Dessa forma, o retorno configura-se como uma tentativa de reconstrução da identidade em meio a um ambiente que passa por profundas transformações. Não obstante, essa realidade modificada contribui para revelar a complexidade desse regresso, no qual as memórias do passado confrontam-se com o lugar em transformação.

Nesse sentido, o sertão surge como um lugar em que elementos modernos são introduzidos em uma tentativa de adaptação aos novos tempos, evidenciando a perda gradual de códigos tradicionais. Nas palavras de De Oliveira (2019), na narrativa de Brito, "a modernidade atravessa o território sertanejo pela recorrência às imagens de progresso e desenvolvimento

técnico, bem como pela secularização das relações sociais, agora ressignificadas e desmitificadas” (De Oliveira, 2019, p. 414).

Dessa forma, as obras de João Almino e Ronaldo Correia de Brito proporcionam uma reflexão profunda sobre identidade, memória e as transformações que moldam as relações individuais com o local de origem. Como destaca Santini (2014, p. 122), a “recuperação de um suposto “dato local” na ficção contemporânea marca, também, a tentativa de definição desse conjunto que, no interior de uma tendência essencialmente urbana, propõe a incorporação de um espaço outro.”

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1857-1945)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ALMINO, João. *Entre facas, algodão*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Galiléia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-196.

CHIAPPINI, Lígia. Regionalismo(s) e regionalidade(s): trajetória de uma pesquisadora brasileira no diálogo com pesquisadores europeus e convite a novas aventuras. In: *Regionalismus - regionalismos: subsídios para um novo debate*. Org.: João Claudio Arendt, Gerson Roberto Neumann. Caxias do Sul, RS: EducS, 2013. p. 13-35.

DE MEDEIROS, Hayonara Inácia Dantas; PELINSER, André Tessaro. O lugar do sujeito contemporâneo no sertão: o tradicional e o moderno em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito. *Navegações, [S. l.]*, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2020. DOI: 10.15448/1983-4276.2020.1.35420. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/35420>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ELIOT, Thomas Stearns. *Tradição e o talento individual*. Tradução: Ivan Junqueira. Introdução e notas. São Paulo: Art Editora, 1989.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MATTOS, Luis Cláudio; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de; BLACKBURN, Ricardo; SANTIAGO, Fábio dos Santos; MENEZES NETO, Jayme Bezerra de. A saga do algodão no semiárido nordestino: histórico, declínio e as perspectivas de base agroecológica. *Sociedade e ambiente no Semiárido: controvérsias e abordagens*, p. 556-580, dez. 2020.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1988.

OLIVEIRA, Daniela Barbosa de. Deslocamentos identitários a partir do sertão no romance Galileia de Ronaldo Correia de Brito. *Caderno Seminal*, [S. l.], v. 32, n. 32, 2019. DOI: 10.12957/cadsem.2019.38557. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/38557>. Acesso em: 19 jan. 2024.

PELINSER, André Tessaro. "Sufocado em terra estrangeira": identidade e migração em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum. *Travessias Interativas*, [S. l.], v. 12, n. 25, p. 325-339, 2022. DOI: 10.51951/ti.v12i25. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/Travessias/article/view/17084>. Acesso em: 16 mar. 2024.

SANTINI, Juliana. Entre a memória e a invenção: a tradição na literatura brasileira contemporânea. *Revista Cerrados*, Universidade de Brasília, v. 18, n. 27, p. 253-270, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/13766/12089> Acesso em: 17 jan. 2024.

SANTINI, Juliana. Realidade e representação no romance regionalista brasileiro: tradição e atualidade. *O eixo e a roda*: v. 23, n. 1, p. 115-131, 2014. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5908/5126. Acesso em: 17 jan. 2024.

TRIGO, Luciano. *Diálogo com outras linguagens marca a ficção de João Almino*. G1, Máquina de escrever, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/dialogo-com-outras-linguagens-marca-ficcao-de-joao-almino.html>. Acesso em: 23 jan. 2023.

AUTORIA

Felipe Dantas da Silva é mestrando em estudos literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em Letras-Português (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Durante a graduação foi bolsista PIBIC, período em que se deteve a analisar o regionalismo literário brasileiro.